

Índice

UAW dirige greve na American Axle	01
BMW quer cortar mais 5.600 empregos	02
Volkswagen assume o controle da Scania	03
Bush e Uribe reforçam plano de dominar América Latina	04
Palestina : 7 mortos, 37 feridos	05

UAW dirige greve na American Axle

Os negociadores do sindicato dos trabalhadores automotivos dos Estados Unidos, o UAW, e da autopeças American Axle voltaram nesta semana à mesa de negociações. Os cerca de 3.600 trabalhadores da empresa representados pelo UAW em Michigan e Nova Iorque estão em greve desde 26 de fevereiro. A empresa quer cortar pela metade os seus salários.

É crescente a repercussão da greve nas montadoras do país. A General Motors disse que a falta de peças já fechou totalmente ou parcialmente cerca de 28 de suas fabricas, atingindo 37 mil operários horistas. A greve também atinge outros fabricantes de autopeças, que estão sendo forçados a licenciar seus trabalhadores e pode afetar a planta da Chrysler em Newark nesta semana.



As negociações não parecem avançar apesar da força da greve. A decisão do UAW de voltar à mesa de negociação reflete isso. Ele suspendeu as negociações no dia 25 de fevereiro e no dia seguinte os quase 4 mil trabalhadores da American Axle entraram em greve nas duas fabricas de Michigan e nas três fabricas de Nova Iorque.

A greve atingiu de imediato as operações da GM. Cerca de 80% dos eixos e acessórios que a American Axle produz vão para a GM. Mas outras empresas também foram afetadas. A Lear Corporation, que produz bancos automotivos teve que licenciar cerca de 1.000 operários em suas sete fabricas. A Telco e a Delphi também foram afetadas. As autopeças foram afetadas pelos cortes nas encomendas da GM – uma reação em cadeia.

O UAW acusou a empresa no National Labor Relations Board de esconder informações que o sindicato precisa para avaliar as propostas da empresa. O sindicato disse que ainda não recebeu essas informações mas que volta a negociar, apesar disso.

A American Axle quer cortar os salários pela metade – uma medida que ela considera necessária para retomar sua “competitividade”. A empresa se inspira na Dana, que conseguiu concessões do UAW quando estava sob a proteção da situação de falência.

Ela também quer fazer cortes na força de trabalho, mas o UAW está exigindo que ela aumente as suas ofertas de bonificação. Algumas fabricas onde os trabalhadores estão em greve, como as de Nova Iorque – em Tonawanda e Cheektowaga, podem ser fechadas.

Para os trabalhadores um corte de 50% nos salários e em outros benefícios vai devastar o seu padrão de vida. Apesar disso, o sindicato encontra-se numa situação difícil devido às concessões feitas à Dana. (com material da AP e do New York Times).

BMW quer cortar mais 5.600 empregos

A montadora alemã BMW, a maior produtora de automóveis de luxo, anunciou nesta semana que vai cortar 5.600 postos de trabalho até o final deste ano que se somarão aos 2.500 outros empregos já eliminados.

Falando em Munique, da sede da empresa, o chefe de pessoal da BMW, Ernst Baumann, disse que os cortes vão alcançar 2.500 trabalhadores de tempo integral e mais 2.500 temporários terceirizados, além de mais 600 outras posições no exterior.

Fábrica da BMW em Leipzig



O IG Metall, sindicato dos metalúrgicos alemães, chamou o anúncio de desnecessário. Werner Neugebauer, dirigente sindical na Bavária e membro do Conselho da BMW, disse que Baumann, "parece pensar que deve fazer agitação para aumentar os preços das ações deixando os trabalhadores num estado de permanente insegurança". Para o sindicato o plano representa uma "ruptura com a cultura [empresarial alemã]" e uma "política míope de lucros".

Os cortes planejados, somados aos outros 2.500, somarão 8.100 empregos – 7,5% da força de trabalho da multinacional alemã, que é de 108 mil trabalhadores (80 mil na Alemanha).

Greve em fornecedor parou a Chrysler no Canada

Uma greve dos 175 operários na TRW Automotive fechou a fábrica de minivans LLC da Chrysler em Windsor, na província de Ontario. A fábrica viu-se forçada a fechar pela falta de peças.

O sindicato dos trabalhadores automotivos do Canada, o CAW (Canadian Auto Workers) entrou em greve na TRW depois que fracassaram as negociações pela renovação do contrato de trabalho. Para o sindicato a questão dos salários é fundamental na TRW pois os trabalhadores recebem salários abaixo da média (cerca de 11 dólares por hora).

A planta da TRW produz freios e sistemas de suspensão e seu maior cliente é a Chrysler. As negociações continuam com o CAW.

Ford oferece demissão voluntária nos EUA

A Ford quer diminuir a dotação de três fábricas nos Estados Unidos, situadas em Chicago, Louisville e Cleveland. E ofereceu um plano de demissão para os 54 mil trabalhadores horistas de todas as fábricas da empresa no país. O número de trabalhadores que serão afetados vai depender de quantos aceitarem as ofertas da empresa.

A esperança da empresa é que sejam muitos os que aceitem, porque ela pretende substituí-los por trabalhadores que vão receber a metade dos 28 dólares por hora que ela paga atualmente. O prazo de aceitação é até 18 de março próximo.

Em 2006, último PDV, cerca de 33 mil trabalhadores deixaram a empresa.

Dependendo da sua antiguidade os trabalhadores podem receber de 50 mil a 140 mil dólares de bônus, além de outros benefícios.

Volkswagen assume o controle da Scania

Maior montadora européia passa a deter 68,9% do direito de voto na empresa sueca e fortalece especulações sobre fusão entre MAN, Scania e segmento de caminhões da Volks no Brasil.

A montadora alemã Volkswagen anunciou na semana passada (03/03) que adquiriu um pacote de ações da Investor AB, da família sueca Wallenberg, por 2,9 bilhões de euros, garantindo assim o controle da fabricante sueca de caminhões Scania.

Com a compra, a Volks aumentou de 37,98% para 68,6% seus direitos de voto na Scania. Sua participação no capital do grupo sueco subiu de 20,89% para 37,73%.



A transação, que ainda depende da aprovação dos órgãos antitruste, "é um passo importante para conseguir uma estrutura acionária clara em longo prazo", informaram fontes da Volkswagen.

Fusão próxima?

Com a aquisição, o maior produtor automobilístico da Europa assume o controle da Scania e dá mais um passo para a criação de um grande consórcio de fabricação de caminhões junto com a empresa MAN, de Munique, da qual a Volkswagen detém 30%. A MAN, por seu lado, possui 17% do direito de voto na Scania.

"A aquisição ressalta o significado que damos à Scania", disse o presidente da Volkswagen, Martin Winterkorn. Ele garantiu que manterá a marca e que não serão feitas alterações na administração e nas estruturas da montadora sueca. "Acreditamos nesta empresa e estamos certos de que a Scania prosseguirá crescendo de forma rentável", acrescentou.

O presidente Leif Östling, que deve ser mantido à frente da empresa sueca, manifestou-se aliviado: "Saúdo a Volkswagen como acionista majoritária. As especulações sobre a estrutura de poder dentro da empresa têm fim, isso facilita o trabalho da administração. Pretendemos ampliar nossa cooperação com a Volkswagen e dividir melhor ainda nossa tecnologia".

Fusão atingiria o Brasil

Hans-Dieter Pötsch, diretor de Finanças da Volkswagen, negou planos imediatos de fusão com a MAN. "Continuamos acreditando no potencial da união, mas não para agora ou em futuro próximo", disse.

O presidente do conselho de administração da Volkswagen, Ferdinand Piëch, é um dos defensores da união entre Scania, MAN e o segmento de caminhões da Volks no Brasil. Tanto a Scania como a MAN vem operando nos últimos anos com uma alta margem de lucros e, segundo analistas, elas podem continuar contando com um grande crescimento do mercado mundial de utilitários. Agências (rw) (*Deutsche Welle*, 03.03.2008)

Porsche prepara império automotivo com Volkswagen e Scania

Ferdinand Piech deu dois grandes passos em direção a um império automotivo global, unindo a montadora sueca de caminhões Scania à Volkswagen e preparando a Porsche para assumir o controle total da VW.

A ousadia coloca Piech -- presidente do conselho da Volkswagen e cuja família austríaca controla a Porsche -- como arquiteto de um grupo que fabrica desde pequenos carros e automóveis de luxo a pesados caminhões. A VW assumiu o controle da Scania, num acordo de US\$ 4,4 bilhões que a deixa mais próxima de seu objetivo de criar a líder de mercado em caminhões na Europa.

O mercado mal tinha digerido a surpresa quando a Porsche anunciou que iria aumentar sua participação votante na VW, de 31% para a maioria, mas que não pretendia fundir as duas montadoras. Em reunião extraordinária, o conselho da Porsche autorizou o esperado movimento que representa um investimento adicional de 10 bilhões de euros (US\$ 15,17 bilhões). "Nosso objetivo é criar uma das mais fortes e inovadoras alianças do setor automotivo no mundo, que esteja à altura da crescente competição internacional", afirmou Wendelin Wiedeking, presidente-executivo da Porsche. (...) (*Reuters*, 04.03.2008)

Bush e Uribe reforçam plano de dominar América Latina

Léo Lince

As forças armadas da Colômbia invadiram o território equatoriano para matar um pequeno grupo de guerrilheiros. O episódio, não por acaso, alcançou repercussão internacional imediata. Os jornais do mundo inteiro se aperceberam, de imediato, estarem diante de um fato novo e da maior gravidade.



Por suposto, ninguém comprou a versão espalhada pelo governo colombiano. Não foi uma mera escaramuça entre as forças da ordem e os insurgentes que atravessaram a fronteira do país vizinho. Fosse apenas isso, ele avisaria o governo equatoriano, como já fizera outras vezes, e o acontecimento teria dimensão distinta. A iniciativa, pelo contrário, foi premeditada para produzir efeitos políticos que se projetam no tempo futuro e espalham estilhaços muito além da fronteira ensangüentada. Daí a sua enorme repercussão.

A reação dos principais governos do continente, Argentina, Chile, Bolívia e Brasil, inclusive, foi própria de quem se sentiu atingido pelo torpedo. Todos classificaram o ato de gravíssimo e o nosso Chanceler falou de violação inaceitável da soberania equatoriana, fato que não pode se repetir. A Venezuela, como era de se esperar, produziu a reação mais dura e, por todos os títulos, adequada. Afinal, ela se sabe alvo da máquina de guerra que vem sendo montada na Colômbia.

O presidente Bush, com a rapidez que já usara por ocasião do golpe frustrado na Venezuela, cuidou de declarar "completo apoio" ao ímpeto guerreiro do seu pupilo, o "democrata" Uribe. Afinal, ele é um fiel seguidor da cartilha: "guerra ao terror", "guerra preventiva", "guerra assimétrica", "danos colaterais", ensinamentos chaves do manual do império e todos eles presentes no ensaio sangrento da madrugada de sábado. O complexo industrial-militar vislumbra a possibilidade de uma frente nova para os seus lucros e experimentos.

O episódio de sábado pode significar uma virada de página que, ao transferir para a lógica bélica os conflitos e tensões da região, coloca a Colômbia na condição de ponta de lança de um tipo de política que se constitui em ameaça para todos os seus vizinhos. Condição para a qual ela foi alçada pelo Plano Colômbia, mantido pelos Estados Unidos, ao custo de US\$ 4,15 bilhões nos últimos anos. O pacote de apoio incluiu versões sofisticadas de helicópteros Black Hawk, aviões de vigilância eletrônica como o RC-7, os enormes Awacs, treinamento especializado em bases dos EUA, além de uma poderosa rede de radares que espia de forma continuada as fronteiras da Venezuela, Equador e da Amazônia brasileira.

Estão lá também as famosas corporações militares privadas - DynCorp, a ManTech, TRW, Matcom – especializadas em assessorar - na produção de informações, contra-informações e inteligência - os senhores da guerra do império do norte.

Os motivos alegados, combater o narcotráfico e a guerrilha, não justificam tamanho aparato. O eixo Bush-Uribe persegue objetivos maiores. Opera no contraponto do esforço de integração econômica e política do nosso continente. Dividir para reinar. Ao mesmo tempo, aponta suas armas para os processos sociais que buscam alternativas ao tacco da globalização financeira.

Os fabricantes e patrocinadores de guerras já estão instalados em nossas fronteiras. É bom botar as barbas de molho. A Amazônia, como se sabe, é um antigo objeto da cobiça internacional, uma fronteira imensa, sem marcos ou guarnições protetoras. A agressão sofrida pelo Equador é um patamar da escalada e desdobramento lógico de um monstro que atende pelo nome de Plano Colômbia. (Léo Lince é sociólogo) (*Correio da Cidadania*, 06.03.2008) (www.correiocidadania.com.br)

7 mortos, 37 feridos

Israel bombardeia sede da Federação Geral Palestina dos Sindicatos

Mohammed Omer/Agência IPS

Dois aviões de combate israelenses F-16, de fabricação americana, destruíram na última quinta-feira (6) com mísseis ar-terra a sede da Federação Geral Palestina dos Sindicatos, um edifício de cinco pavimentos localizado na Faixa de Gaza.

O sindicato, estabelecido em 1965, é um dos pioneiros do movimento em prol de um boicote internacional a Israel, e a imposição de sanções pela ONU até que os ocupantes cumpram suas obrigações determinadas pelas resoluções da ONU sobre suas fronteiras e o direito dos refugiados palestinos de regressarem a sua pátria.

Os membros da união de sindicatos voltaram ao seu trabalho, após o bombardeio, sob uma tenda de acampamento, recolhendo papéis e arquivos possíveis de serem resgatados dos escombros.



"A ocupação não precisa de nenhuma justificativa para cometer crimes contra os palestinos", disse à IPS Nabil al-Mabhouth, chefe da Federação Geral Palestina de Sindicatos em Gaza. Tudo indica que o sindicato era um alvo da aviação israelense porque "estamos apoiando os direitos de dezenas de milhares de trabalhadores palestinos".

Mabhouth afirmou que sua organização dedica-se apenas aos direitos dos trabalhadores, não sendo uma organização "militante" palestina. Ela é aberta a todas as pessoas, de diferentes filiações políticas e lugares. "Temos relações com muitos sindicatos internacionais". Segundo ele, a Federação havia acabado de receber uma contribuição em dinheiro da Noruega.

"A orientação contra uma organização civil mostra como é bárbara e atroz a ocupação israelense", afirmou. "Não estamos lançando foguetes, somos um sindicato de trabalhadores da construção e nada justifica o ataque", comentou.

Os funcionários palestinos estimam que Israel utilizou cerca de uma tonelada de mísseis na região do edifício, que fica em uma área densamente povoada da Faixa de Gaza.

Além dos sete mortos e dos mais de 37 feridos, em sua maioria mulheres e crianças, alguns deles estão em estado grave no hospital de Shifa. As casas nos arredores, contam os funcionários, podem cair a qualquer momento, por causa dos danos causados pelas bombas na área circunvizinha ao edifício. (Agência CUT, 11.03.2008)

Brasil Metal Internacional é o boletim informativo eletrônico sobre as questões internacionais que afetam os metalúrgicos brasileiros. Ele é produzido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT

Secretário Geral: Valter Sanches

internacional@cnmcut.org.br